

GAÚCHOS DA FRONTEIRA: URUGUAI E RIO GRANDE DO SUL NA OBRA DE BORGES

Daniel Balderston
University of Iowa – USA

Fronteras del Brasil y del Uruguay, caballos y mañanas
(Borges)¹

Quem me chama copiador
de gaúcho castelhano,
esquece que sou pampeano,
graças a Nosso Senhor
e a alma do payador
não se curva a nenhum trono,
sempre fui meu próprio dono,
no verso e no improvisado
e por isso não preciso
de usar o papel carbono.
(Jayme Caetano Braun)²

¹ Borges. Mateo, XXV, 30. *Obras completas*, p. 874.

² Brasil Grande do Sul, p. 56.

No famoso conto “El Sur”, Borges escreve: Nadie ignora que el Sur empieza del otro lado de Rivadavia. “Dahlmann solía repetir que ello no es una convención y que quien atraviesa esa calle entra en un mundo más antiguo y más firme”³.

A idéia do Sul não depende, então, da geografia *in stricto sensu*; tem a ver com uma visão simbólica do espaço. De forma semelhante, o Norte – e na sua obra esse termo aparecerá freqüentemente para indicar o limite norte da região cultural do Prata – também tem a ver com *un mundo más antiguo y más firme*, uma região onde os *gauchos* ainda são *gauchos* (e os gaúchos, gaúchos!). Mas também uma região onde é possível mudar de identidade, viver na clandestinidade, viver do contrabando. A fronteira do Norte é uma zona importante na sua obra, por razões que vamos analisar aqui.

Mas primeiro vale a pena mencionar os seis contos mais importantes de Borges com episódios que têm lugar nessa fronteira. São pequenos episódios, e sua importância só se percebe no conjunto da obra. Em “Tlön, Uqbar, Orbis Tertius,” o volume número onze da *First Encyclopaedia of Tlön* chega a Adrogué, na Província de Buenos Aires, num pacote enviado por um norueguês de Rio Grande do Sul. No final do mesmo conto, o narrador (Borges) está voltando de Santana do Livramento com Enrique Amorim quando as chuvas os obrigam a passar a noite *en la pulpería de un brasileiro, en la Cuchilla Negra*⁴. Em “La forma de la espada”, conto que acontece também no Norte do Uruguai, o “Inglês de la Colorada”, o interlocutor do narrador (que se chama Borges), acabado de chegar ao Rio Grande, fala uma mistura de inglês, português e espanhol. Em “El muerto”, a ação principal ocorre no Norte do Uruguai, onde um portenho, Benjamín Otálora, tenta tomar o lugar de um caudilho local, Azevedo Bandeira, de origem brasileira. Em “Emma Zunz”, a notícia

³ *Obras completas*, p. 526.

⁴ *Obras completas*, p. 441.

da morte do pai da protagonista chega numa carta de Rio Grande; Emmanuel Zunz tinha falecido num hospital de Bagé. Em "La otra muerte", um gaúcho de Entre Ríos revive na hora da sua morte a batalha de Masoller onde tinha morrido Aparicio Saravia em 1905. "El otro duelo" tem a ver com a rivalidade entre dois gaúchos de Cerro Largo, Manuel Cardoso e Carmen Silveira, no qual o sobrenome do segundo de novo tem a ver com as misturas culturais na região da fronteira.

Pequenos episódios em seis contos: o que têm em comum? Qual é a função da fronteira gaúcha/uruguaia neles?

1) Nos seis casos, as personagens não vêm da região fronteiriça, estão lá porque houve um crime, porque estão fugindo de uma ameaça, porque participam de uma conspiração;

2) Esses incidentes são pontos de partida, mas a ação principal do conto não ocorre na fronteira. Às vezes, uma notícia chega da fronteira, ou do outro lado da fronteira (a morte do pai de Emma, o volume onze da *Enciclopédia*), e essa notícia abre a trama principal do conto. Às vezes, o último episódio da vida de uma personagem ocorre na fronteira – a morte do jovem em "Tlön", a morte de Otálora em "El muerto";

3) As ações normalmente ocorrem do lado uruguaio da fronteira, mas é importante o fato de o Brasil – lugar diferente, enorme, misterioso – ficar perto. A mistura de línguas, o fluxo de identidades, o transporte de contrabando, são aspectos essenciais da vida dessa fronteira.

Os elementos constitutivos da fronteira em Borges são de um lugar de passagem onde se perde a identidade e se pode construir outra; lugar de ambigüidade na língua e na moral; lugar de perigo e violência. Seria interessante saber os motivos de essa representação, talvez impossível de saber na experiência do autor. Emir Rodríguez Monegal explicava esses incidentes pelo fato de Borges ter presenciado uma morte na fronteira:

En 1934, Borges visitó el norte del Uruguay en compañía de Enrique Amorim, su amigo y

pariente, conocido autor de novelas de ambiente campesino, como *La carreta* y *El paisano Aguilar...* El conocimiento que hasta la fecha tenía del mundo gauchesco se limitaba a alguna visita infantil a la Pampa y al área campesina que rodea Montevideo y Fray Bentos en el Uruguay... Pero esta visita al Norte lo llevó a la región más agreste del mundo gaucho: la todavía salvaje frontera norte con el Brasil. Un día en que Borges tomaba una copa con Amorim en una pulpería, vio a un hombre ser asesinado a pocos pasos de donde él estaba⁵.

Talvez essa não seja a única fonte das histórias de fronteira, mas é um dado interessante para saber a importância da fronteira para Borges, e poder analisá-la com maior precisão. Vamos começar com referências isoladas na obra de Borges à história do norte uruguaio e à história do Rio Grande do Sul. Depois, voltaremos aos contos já mencionados para analisá-los mais a fundo.

Uma figura que se menciona com muita frequência na obra de Borges é Aparicio Saravia. O caudilho uruguaio, filho de brasileiros de sobrenome Saraiva e irmão do caudilho gaúcho Gumercindo Saraiva, dominou a região da fronteira nos últimos anos do século dezenove, dominou o Partido Nacional (os Blancos), e foi protagonista de uma revolução em 1904⁶. Uma das primeiras referências a Saravia na obra de Borges está em *Inquisiciones* (1925), em "Queja de todo criollo":

El criollo, a mi entender, es burlón, suspicaz, desengañado de antemano de todo y tan mal sufridor de la grandiosidad verbal que en poquísimos la perdona y en ninguno la ensalza...

⁵ *Ficcionario*, p. 456.

⁶ Para maior informação sobre os irmãos Saraiva, consulte *Heroes on Horseback*.

En pueblos de mayor avidez en el vivir, los caudillos famosos se muestran botarates y gesteros, mientras aquí son taciturnos y casi desganados. Ese nuestro desgano es tan entrañable que hasta en la historia – crónica de obradores y no de pensativos – se advierte. San Martín desapareciéndose en Guayaquil, Quiroga yendo a una acechanza de inevitables y certeros puñales por puro fatalismo de bravuconería; Saravia desdeñando una fácil entrada victoriosa en Montevideo, ejemplifican mi aserción. (p. 140)

Uma segunda referência a esse desdém do *gaucho* pela cidade está em “Historia de jinetes” (1954), logo incluída na segunda edição de *Carriego Evaristo* (1955):

En 1903, Aparicio Saravia sublevó la campaña del Uruguay; en alguna etapa de la contienda se temió que sus hombres pudieran irrumpir en Montevideo. Mi padre, que se encontraba allí, fue a pedir consejo a un pariente, Luis Melián Lafinur, el historiador. Éste le dijo que no había peligro, “porque el gaucho le teme a la ciudad”. En efecto, las tropas de Saravia se desviaron y mi padre comprobó con algún asombro que el estudio de la Historia puede ser útil y no sólo agradable⁷.

Há muitas outras referências a Saravia na obra de Borges. No poema “Los gauchos”, em *Elogio de la sombra* (1969), Borges escreve:

Morían y mataban con inocencia.
No eran devotos, fuera de alguna oscura superstición, pero la dura vida les enseñó el culto del coraje.

⁷ *Obras completas*, p. 152.

Hombres de la ciudad les fabricaron un dialecto y una poesía de metáforas rústicas.

Ciertamente no fueron aventureros, pero un arreo los llevaba muy lejos y más lejos las guerras.

No dieron a la historia un solo caudillo. Fueron hombres de López, de Ramírez, de Artigas, de Quiroga, de Bustos, de Pedro Campbell, de Rosas, de Urquiza, de aquel Ricardo López Jordán que hizo matar a Urquiza, de Peñaloza y de Saravia⁸.

O conto “Avelino Arredondo” de *El libro de arena* (1975), sobre o assassino (colorado) do presidente uruguaio, Juan Iriarte Borda (blanco), tem a ver com a primeira revolução no Uruguai, onde Saravia ocupou um lugar importante. Diz o narrador:

Poco después de la batalla de Cerros Blancos, Arredondo dijo a los compañeros que no lo verían por un tiempo, ya que tenía que irse a Mercedes. La noticia no inquietó a nadie. Alguien le dijo que tuviera cuidado con el gauchaje de Aparicio Saravia; Arredondo respondió, con una sonrisa, que no les tenía miedo a los blancos⁹.

A ironia do narrador não é compreensível sem um conhecimento da história uruguaia. No momento em que Arredondo está planejando o assassinato de Idiarte Borda, Saravia é um caudilho puramente local, da região fronteiriça. É só depois da morte do presidente blanco que Saravia vai começar a ocupar o cenário da política nacional. O protagonista do conto de Borges pode, então, ser visto como o criador da carreira nacional de Saravia (como Judas Iscariote pode ser con-

⁸ *Obras completas*, p. 1001.

⁹ *El libro de arena*, p. 152.

siderado o salvador na versão de Borges em “Tres versiones de Judas”).

Agora, o interesse de Borges por Saravia parece ser em parte como figura anacrônica – chefe de ataques de cavalaria na época de trens e rifles rápidos, caudilho *gaucho* que domina a política nacional sem ir nunca à Capital, a Montevideo, herói puramente suicida. É comparável à figura mítica de Juan Facundo Quiroga (como se percebe em “Queja de todo criollo”), mas, em contraste com Facundo, figura representativa da sua época, é fortemente “fora de lugar” nos últimos anos do século dezenove e nos primeiros anos do século vinte. Mas é também – e isto não é algo que Borges diga, mas sim insinue – interessante como figura fronteira, brasileiro e uruguaio, bandido e herói nacional, bravo (no campo) e temeroso (na cidade).

José Pedro Barrán e Benjamín Nahum, na sua história das revoluções de 1897 e de 1904 (o quarto volume da sua *Historia rural de Uruguay moderno*), explicam a importância desse anacronismo:

En ese ambiente europeizado, que todos creían “tierra de promisión”, ocurrieron en 1897 y 1904, acontecimientos inimaginables para la mayoría. La campaña volvió a agitarse como en la época de la Revolución de las Lanzas en 1870. Lo que se creyó anacrónico, ante las transformaciones de la nación, absurdo, observado su progreso económico, sucedió: la guerra civil. Estalló haciéndole al país la misma impresión que a Stendhal le causaba la política en una novela: un tiro de pistola en el sagrado silencio de un concierto. (p. 14)

Percebe-se certa semelhança entre o papel ocupado por Saravia no Uruguai do final de século e o papel (de menor importância para a nação, mas não para o seu neto) que desempenha o Coronel Francisco Borges nas guerras civis ar-

gentinas na década de 1870. Os dois essencialmente são suicidas no campo de batalha (La Verde e Masoller), e as capas brancas (depois com mancha vermelha) ajudam a criá-los como heróis de dimensões míticas (mas também fazem mais fácil a tarefa de matá-los no campo de batalha). Escrevem Barrán e Nahum: “Las ráfagas de ametralladora en Tupambaé o Masoller, cumplieron los deseos de los hacendados mucho mejor que la policía ideal con que soñaron” (p. 194). E continuam (na última frase do volume): “No volvería a surgir otro Aparicio Saravia: la evolución económica del campo, el peso de las ‘clases conservadoras’ y la supremacía técnico-militar del Estado, fueron los factores que enterraron a ese Uruguay criollo para siempre” (p. 194).

O conceito mítico e nostálgico que Borges tem do herói gauchesco converte a figura de Saravia num ponto de referência importante na sua obra. É interessante notar que há múltiplas referências a Saravia e nenhuma a José Batlle e Ordóñez, o presidente do mesmo partido branco que vai dominar a política uruguaia nas próximas décadas. E de fato o único episódio de história política uruguaia que parece lhe interessar profundamente é o assassinato do presidente Idiarte Borda por Avelino Arredondo, em 1897. Do outro lado da fronteira não fala de Gumercindo Saraiva, nem de Júlio de Castilhos, nem de Antônio Augusto Borges de Medeiros, nem de Getúlio Vargas¹⁰. São surpreendentes essas ausências no contexto do interesse sério na vida fronteira e na figura emblemática de Aparicio Saravia.

Nós sabemos do interesse profundo de Borges pela poesia gauchesca. Talvez isso não tenha sido estudado suficientemente, apesar de seu interesse pelos debates sobre a origem do gaúcho e as características da cultura gauchesca. Ele menciona várias vezes *El gaucho*, de Emilio A. Coni (1945), livro polêmico que despertou “contra livros” como *El gaucho*, de Fernando O. Assunção (1963). Um dos pontos polêmicos do

¹⁰ Para história do Rio Grande do Sul, achei úteis os livros de Joseph Love (*Rio Grande do Sul and Brazilian Regionalismo*) e Carlos Cortés (*Gaicho Politics in Brazil*).

livro de Coni é a insistência na origem múltipla do gaúcho (com grandes variações de costumes, vestuário, vocabulário) na Província de Buenos Aires, nas províncias do litoral argentino, e na região fronteira da Argentina, o Uruguai e o Brasil. Ele dá pouca importância à idéia dos “gauchos de Güemes” (de Salta, no Norte argentino) serem gaúchos, e também diz que é improvável que o Uruguai tenha sido muito importante no início da história do gaúcho, pelo fato de que o país tinha pouca população na época fundacional. Mas insiste na importância da fronteira com o Brasil para a etimologia da palavra *gaúcho* e para sua importância na cultura da região do Prata:

Siendo la frontera luso-española el campo de acción de nuestro personaje, no hay la menor duda que el vocablo nació o entró por allí¹¹.

Afirma que no grande poema *El gaucho Martín Fierro* há uma forte presença de vocabulário uruguaio e rio-grandense, e explica isso pelo fato de José Hernández ter começado a escrita do poema em Santana do Livramento (e continuado na cidade uruguaia de Paysandú), como afirma Coni (com referência também à obra de Vicente Rossi (p. 277-280). Borges diz no seu estudo sobre *Martín Fierro* (1953):

Unas palabras reticentes, estampadas en el prólogo del *Martín Fierro*, dicen que la composición de esta obra lo ayudó a alejar el fastidio de la vida del hotel; Lugones entiende que esta referencia es a un hotel de la Plaza de Mayo, en el que Hernández improvisaría el poema, *entre los bártulos de conspirador*; otros han interpretado que alude a Sant’ Anna do Livramento, donde los gauchos orientales y riograndenses le traerían el recuerdo de los gauchos de Buenos Aires¹².

¹¹ Coni, p. 209.

¹² *Obras completas* en colaboración, p. 526.

Numa nota de rodapé, Borges e Bioy falam do mesmo assunto: “Hotel. Según Lugones¹³, el Hotel Argentino, que estaba situado en la esquina de las calles 25 de Mayo y Rivadavia, en Buenos Aires; según Vicente Rossi¹⁴ el hotel de los hermanos García, en Sant’ Anna do Livramento, Río Grande del Sur”¹⁵.

A segunda parte das duas frases é uma referência à teoria de Coni – e anteriormente de Vicente Rossi – da origem fronteira do poema, com sua ênfase na contribuição do Brasil¹⁶. No prólogo à antologia *Poesía gauchesca* que Borges preparou com Adolfo Bioy Casares para o Fondo de Cultura Económica no México, em 1955, os editores dizem: “Interesante por el acopio de noticias y por la amena agresividad es la obra *El gaucho* (1945) de Emilio Coni”¹⁷. (No mesmo texto eles mencionam que o dicionário da Real Academia Espanhola define o gaucho como “el hombre natural de las pampas del Río de la Plata en la Argentina, Uruguay y Río Grande do Sul” [1:VIII]).

Na obra de Borges não há nenhuma referência à cidade de Porto Alegre (nem ao porto de Pelotas), mas há pelo menos seis referências ao Estado do Rio Grande do Sul, uma à cidade de Bagé, várias a Santana do Livramento (pela conexão com *El gaucho Martín Fierro*), várias a Cuareim e ao Rio Negro, e múltiplas a lugares do Norte uruguaio como Melo, Rivera, Tacuarembó, Paysandú, o rio Yi, etc. As referências geográficas na obra de Borges funcionam como nós, com muita insistência em alguns pontos concentrados: o bairro de Constitución em Buenos Aires (e certos outros lugares da cidade e da Província), o “laberinto rojo” de Londres, Roma, Islândia, etc. As referências ao Brasil em geral são poucas, muito menos frequentes que as referências ao Uruguai, por isso é interessante que um dos nós ou focos produtivos seja esse.

¹³ *El payador*, p. 221.

¹⁴ *Folletoes lenguaraces*, XXVII, p. 12.

¹⁵ *Poesía gauchesca*, 2:576n.

¹⁶ Coni, p. 279.

¹⁷ *Poesía gauchesca*, p. 1: VIII.

Agora, vamos voltar aos incidentes que mencionamos antes de “Tlön,” “Emma Zunz,” “La otra muerte,” “La forma de la espada” y “El muerto”. Depois da discussão da importância de certos temas que têm a ver com a fronteira uruguaia/brasileira, talvez seja possível precisar mais a fundo o significado desses incidentes.

Primeiro, “Tlön”, conto publicado originalmente em 1940 (já com uma “postdata de 1947” nas primeiras versões de 1940 e 1941). A descoberta do planeta imaginário (antes mencionado de maneira enigmática no artigo sobre Uqbar numa cópia da *Anglo American Cyclopaedia*) se deve a Herbert Ashe, inglês que mora na Argentina, amigo do pai do narrador. Quando morre Ashe, descobre-se o volume onze da *First Encyclopaedia of Tlön* que tinha recebido de um norueguês, Gunnar Erfjord, que morava em Rio Grande do Sul. O narrador não nos revela nada da existência desse Erfjord, nem explica por que ele mora em Rio Grande. E um lugar do outro lado, como os lugares do Sul dos Estados Unidos onde começa a conspiração por inventar um planeta imaginário. (Lembranças da fuga de soldados da Confederação para o Brasil no final da Guerra Civil?) A participação do norueguês no projeto, o fato de ele ser o contato do anglo-argentino são indícios do aspecto internacional e nômade do grupo de tlönistas.

A conspiração dos tlönistas começa no Sul dos Estados Unidos: Ezra Buckley vem de Nashville, Tennessee, e vai morrer em Baton Rouge, Louisiana. Buckley morre em 1828, o último volume vai ser publicado em 1914, datas que encerram o período traumático para o Sul da perda da Guerra Civil (1861-1865). Nessas décadas, a conspiração converte-se em uma organização mundial, com “colaboradores” em todas partes. O norueguês Gunnar Erfjord, sem dúvida, é da família daquele teólogo de “Tres versiones de Judas”, Nils Runeberg, que começa publicar a sua teoria de o Redentor ser Judas Iscariote e não Jesus Cristo, em 1904, ano anterior à independência da Noruega da Suécia. As últimas décadas do século dezenove e as primeiras do século vinte são anos de emigração massiva da Noruega – os Estados Unidos têm um

número de descendentes de noruegueses que é igual à população atual de Noruega (quatro milhões), e nos portos da América do Sul foi importante a presença de marinheiros noruegueses (a Noruega tinha lugar dominante na indústria da navegação). Dá para imaginar, então, que Gunnar Erfjord (o sobrenome faz referência à região dos fiordes ao Oeste da Noruega) chega a Rio Grande como oficial de barco, e seu contato com Herbert Ashe tem a ver com as viagens transatlânticas. Erfjord – descendente das personagens das sagas e do *Heimskringla*, representante gaúcho de uma organização secreta que nasce no Hemisfério Norte – também sugere a possibilidade de uma rede de pontos móveis, de pessoas que entram em contato com outras em viagens e conspirações.

O segundo episódio, no final (na “postdata de 1947”) de “Tlön” ocorre explicitamente na fronteira entre o Uruguai e Rio Grande. O narrador – uma auto-representação do Borges – diz o seguinte, da segunda intrusão *del mundo fantástico en el mundo real*:

Ocurrió unos meses después, en la pulpería de un brasileiro, en la Cuchilla Negra. Amorim y yo regresábamos de Sant’Anna. Una creciente del río Tacuarembó nos obligó a probar (y a sobrellevar) esa rudimentaria hospitalidad. El pulpero nos acomodó unos catres crujientes en una pieza grande, entorpecida de barriles y cueros. Nos acostamos, pero no nos dejó dormir hasta el alba la borrachera de un vecino invisible, que alternaba denuestos inextricables con rachas de milongas – más bien con rachas de una sola milonga. Como es de suponer, atribuimos a la fogosa caña del patrón ese griterio insistente... A la madrugada, el hombre estaba muerto en el corredor. La aspereza de la voz nos había engañado: era un muchacho joven¹⁸.

¹⁸ *Obras completas*, p. 441-442.

O narrador comenta: "Nadie sabía nada del muerto, salvo 'que venía de la frontera'" (p. 442).

O narrador (Borges) está de viagem com o romancista uruguaio – de família brasileira – Enrique Amorim (casado com sua prima Esther Haedo). Borges é muito preciso aqui: estão voltando de Santana do Livramento, quando uma crescente do rio Tacuarembó os obriga ficar *en la pulpería de un brasileiro, en la Cuchilla Negra*. Vale a pena sublinhar o fato de Borges escrever "brasileiro" e não "brasileño" (como é comum – e oficial – em espanhol), como também escreve (com poucas exceções) "Rio Grande do Sul" (sem acento no i de Rio) e não "Río Grande del Sur," como faz por exemplo seu amigo Alfonso Reyes nos seus escritos como "Río de Enero." As pequenas marcas de diferença – "rio" sem acento, "do Sul," "brasileiro" – indicam que nessa fronteira há penetração cultural (ou "transculturação") mas que também têm marcas que indicam a origem. O jovem delirante – e depois morto – no quarto contíguo também guarda sua diferença: *venía de la frontera* (p. 442). O pequeno cono – objeto mais pesado que os normais – é *imagen de la divinidad, en ciertas religiones de Tlön*: não é difícil ler nessas palavras uma referência à multiplicidade religiosa do Brasil, aos seus sincretismos e invenções de novas seitas e grupos. O jovem morto é missionário do tlönismo e forma parte do intercâmbio cultural que houve entre o Uruguai e Rio Grande na época. Ruben Oliven, no seu estudo sobre os movimentos tradicionalistas gaúchos, sublinha a importância que tem na história desses movimentos a participação de um grupo de brasileiros no Dia da Tradição em Montevideu, em 1950: eles voltam com a idéia da pobreza das tradições gaúchas em Rio Grande comparada com a situação no Uruguai, e começam a inventar novas tradições¹⁹. Borges escreve no final de "Tlön" (só dois parágrafos depois da descrição do jovem morto que vinha da fronteira):

¹⁹ Oliven, p. 93-94.

El contacto y el hábito de Tlön han desintegrado este mundo. Encantada por su rigor, la humanidad olvida y torna a olvidar que es un rigor de ajedrecistas, no de ángeles. Ya ha penetrado en las escuelas el (conjetural) "idioma primitivo" de Tlön; ya la enseñanza de su historia armoniosa (y llena de episodios conmovedores) ha obliterado a la que presidió mi niñez; ya en las memorias un pasado ficticio ocupa el sitio de otro, del que nada sabemos con certidumbre – ni siquiera que es falso. (p. 443)

A invenção do passado: o alvo aparente da ironia de Borges são os movimentos fascistas europeus e o comunismo de Stalin, mas também o peronismo (na Argentina), o nativismo uruguaio, o tradicionalismo gaúcho.

"La forma de la espada", conto publicado originalmente em *Sur* em 1942 e incluído em *Ficciones* em 1944, trata de um incidente da Guerra Civil irlandesa da década de vinte que terminou na divisão de Irlanda na República de Eire, no Sul, e nos seis condados anexados à Grã Bretanha, no Norte. Aqui o narrador, de novo Borges, tem de ficar, de novo, por causa de enchentes no rio Caraguatá (tributário do rio Negro), no Norte de Uruguay, na casa do "Inglês de la Colorada". Esse interlocutor misterioso também "venía de la frontera, de Río Grande del Sur; no faltó quien dijera que en el Brasil había sido contrabandista" (p. 491). O "inglês" conta sua estória "alternando el inglés con el español, y aun con el portugués" (p. 492): essa mistura lingüística contribui ao mistério da sua origem, que vai ser o centro do conto. Essa região de fronteira era famosa como zona de contrabandistas e fica perto da zona de atividades dos irmãos Saravia. Como já notamos, há uma forte presença de sobrenomes brasileiros no Norte do Uruguai (Saravia e Amorim são só dois exemplos, outro seria esse Assunção que escreveu sobre *El gaúcho*), então a identidade individual já misturava origens diferentes. Nesse contexto, a passagem de um su-

posto “inglês” (em realidade irlandês) pela fronteira, fugindo de Irlanda ao Brasil e depois ao Uruguai, forma parte do mito de que a fronteira é um lugar de mudança, o fluxo de identidades.

A complexa história da fronteira entre o Uruguai e Rio Grande (e antes, entre o Virreinato del Río de la Plata e o Brasil, ou entre o império espanhol e o império português) funciona dentro do conto como analogia à situação de Irlanda na estória que conta o “Inglés de la Colorada”. Esse nome de estância, La Colorada, sem dúvida inclui uma referência implícita às guerras civis uruguaias: os Blancos (como Justino Muniz ou Aparício Saravia) dominavam o campo, e os Colorados a cidade, então seria lógico que se o ex-dono da estância fosse Colorado que isso seria uma coisa muito visível na região. (John Chasteen conta que Aparicio Saravia usava roupa branca, cortinas brancas, toalhas de mesa brancas, pintava sua casa de branco, etc., e que um irmão e inimigo dele, Basilio, fazia a mesma coisa com pintura e têxteis vermelhos.) Quando o “Inglês de la Colorada” conta sua estória ao ex-dono, ele decide vender a estância: não indica algum tipo de identificação com os conflitos de identidade presentes na estória do suposto “inglês”?

Um terceiro conto que vamos discutir, “El muerto” (1946), é sobre um portenho que morre na fronteira entre o Uruguai e Rio Grande, brigando por chefiar um grupo de *gauchos* e pelo amor de uma mulher. O conto começa:

Que un hombre del suburbio de Buenos Aires, que un triste compadrito sin más virtud que la infatuación del coraje, se interne en los desiertos ecuestres de la frontera del Brasil y llegue a capitán de contrabandistas, parece de antemano imposible. A quienes lo entienden así, quiero contarles el destino de Benjamín Otálora, de quien acaso no perdura un recuerdo en el barrio

de Balvanera y que murió en su ley, de un balazo, en los confines de Río Grande do Sul...²⁰

De novo, a associação da fronteira com contrabando, fluxo de identidades, violência... Do seu mentor e rival, Azevedo Bandeira, o narrador diz no mesmo conto: “Alguien opina que Bandeira nació del otro lado del Cuareim, en Río Grande do Sul; eso, que debería rebajarlo, oscuramente lo enriquece de selvas populosas, de ciénagas, de inextricables y casi infinitas distancias” (p. 546). O Brasil como lugar de selvas, de pântanos, de imensidão, de mistério: é uma visão estereotipada, que pouco tem a ver com a maior parte do Rio Grande do Sul, embora talvez para a região específica do conto (a Campanha perto dos rios Cuareim e Uruguai) não seja totalmente errada.

O primeiro sobrenome do caudilho, Azevedo, é o sobrenome materno de Borges. O segundo, Bandeira, contém uma alusão à atividade dos bandeirantes na colonização luso-brasileira da região. Borges é Borges Acevedo, então é fácil comprovar sua identificação com Azevedo Bandeira. Sabemos que o avô de Borges, o Coronel Francisco Borges, era da Província de Entre Ríos – não seria provável a origem brasileira da família? O poema sobre o sobrenome fala do mar, de Portugal, d*Os Lusíadas* – mas se a origem fosse as guerras de fronteira, os bandeirantes, algum pequeno crime? O que foi a história da família antes da história do Coronel Francisco Borges, mencionado tantas vezes na obra do neto? A Província de Entre Ríos é muito próxima da confluência dos rios Uruguai e Cuareim (a região de onde vem Azevedo Bandeira). Não seria possível sugerir a hipótese de alguma história familiar nunca confessada que tivesse a ver com a fascinação de Borges por figuras como Cruz (no *Martín Fierro*, depois personagem de Borges na “Biografía de Tadeo Isidoro Cruz”), Kilpatrick (em “Tema del traidor y del héroe”) e Droctulft (mencionado em Gibbon, e daí elaborado em perso-

²⁰ *Obras completas*, p. 545.

nagem de “Historia del guerrero y de la cautiva”): personagens que são traidores, que cruzam fronteiras, que mudam a sua identidade?

O início de “Emma Zunz” (1948) diz o seguinte:

El catorce de enero de 1922, Emma Zunz, al volver de la fábrica de tejidos Tarbuch y Loewenthal, halló en el fondo del zaguán una carta, fechada en el Brasil, por la que supo que su padre había muerto²¹.

O mistério da morte continua:

Emma leyó que el señor Maier había ingerido por error una fuerte dosis de veronal y había fallecido el tres del corriente en el hospital de Bagé. Un compañero de pensión de su padre firmaba la noticia, un tal Fein o Fain, de Rio Grande, que no podía saber que se dirigía a la hija del muerto. (p. 564)

Judeus no Brasil: de novo Borges está escrevendo com precisão de dados históricos²². Emmanuel foge de Buenos Aires depois de ser acusado de um crime, cruza a fronteira e chega na parte do Brasil mais conhecida pela sua população judia²³. A colônia Quatro Irmãos e as outras colônias agrícolas fundadas pela *Jewish Colonization Association* com o apoio do Barão Hirsch (que também ajudou a colonização judia na Argentina) foi uma experiência que durou pouco, porque depois a população judia dispersou-se pelas cidades. Podemos imaginar as trajetórias de Fein ou Fain, que envia a carta a

²¹ *Obras completas*, p. 564.

²² Ver meu *Out of Context*.

²³ Consulte: Wolff, Egon e Freida. *Os judeus no Brasil imperial*; Eizirik, Moysés. *Imigrantes judeus: relatos, crônicas e perfis*; Igel, Regina. *Imigrantes judeus/escritores brasileiros*.

Emma Zunz sem saber que ela é a filha do morto, e de Manuel Maier (antes Emmanuel Zunz), que foge da Argentina ao Brasil, só para morrer no hospital de Bagé, perto da fronteira uruguaia: judeus, filhos de imigrantes do Este da Europa, que vêm se encontrar na solidão da Campanha gaúcha.

“La otra muerte” (1949) tem a ver com um desejo de “corrigir” o passado. O personagem, Pedro Damián, *enterrriano, de Gualaguay*, está trabalhando no Noroeste uruguaio: “La revolución de 1904 lo tomó en una estancia de Río Negro o de Paysandú, donde trabajaba de peón”²⁴. Segue *las banderas de Aparicio Saravia*, participa na última batalha (de Masoller, onde morre Saravia em 1905), e depois volta ao seu lugar e retomó con humilde tenacidad las tareas del campo (p. 571). O narrador comenta: “El sonido y la furia de Masoller agotaban su historia; no me sorprendió que los reviviera, en la hora de su muerte” (p. 571). O fato de a batalha de Masoller ser o episódio que Damián revive é significativo da sua importância para a história uruguaia: essa batalha marca o fim do ciclo de guerras civis entre Blancos e Colorados. Também o fato de reviver para modificar o passado foi um tema que Borges já trabalhara num poema sobre seu avô materno, “Isidoro Acevedo”. Aqui a figura de herói que o protagonista luta por criar é claramente uma construção e relaciona-se com o suicídio heróico de Saravia no campo de batalha.

Há outros contos que têm a ver com a região da fronteira, mas vou terminar com uma breve discussão de um conto tardio, “El otro duelo” (1970). Nesse conto, dois gaúchos, vizinhos do campo da família Reyles (Carlos Reyles foi um famoso romancista uruguaio, e seu filho conta a estória para Borges em Adrogué anos mais tarde), depois de ter militado nas milícias brancas de Aparicio (e aqui não é Aparicio Saravia senão outro caudilho branco anterior, Timoteo Aparicio, na revolução de 1870), brigam, e o seu desafio termina na morte dos dois. “Quizá sus pobres vidas rudimentarias no poseían otro bien que su odio y por eso lo fueron acu-

²⁴ *Obras completas*, p. 571.

mulando. Sin sospecharlo, cada uno de los dos se convirtió en esclavo del otro”²⁵.

As guerras entre Blancos e Colorados, que ocupam uma grande parte da história uruguaia do século dezenove, formam o pano de fundo da estória grotesca do duelo entre Cardoso e Silveira. Essa estória é o prelúdio da história dos irmãos Saravia nas décadas posteriores. “Aparicio”, o leitor não versado em história uruguaia, que lê esse conto depois de ler outros contos de Borges, vai pensar em Aparicio Saravia, não em Timoteo Aparicio, e o sobrenome Silveira tem muito a ver com a história dos irmãos Saravia, *gauchos*, como esses dois, de Cerro Largo. A idéia se repete com variantes no final de “El fin” e “Los teólogos” – “Cumplida su tarea de justiciero, ahora era nadie. Mejor dicho, era el otro: no tenía destino sobre la tierra y había matado a un hombre” em “El fin”²⁶; “Más correcto es decir que en el paraíso, Aureliano supo que para la insondable divinidad, él y Juan de Panonia (el ortodoxo y el hereje, el aborrecedor y el aborrecido, el acusador y la víctima) formaban una sola persona”, em “Los teólogos”²⁷, está presente aqui nos dois gaúchos que se odeiam de maneira tão extrema que são unidos no ódio. O modelo borgeano da identidade na diferença aqui ocupa novamente o cenário da região fronteira entre o Uruguai e Rio Grande²⁸.

À parte de possíveis motivos biográficos – o sobrenome luso-brasileiro, o parentesco com Amorim, a visita do pai a Montevideu durante a campanha de Aparicio Saravia, o possível incidente de ser testemunha de um assassinato na fronteira que conta Rodríguez Monegal –, a fronteira ocupa um lugar de grande importância na imaginação de Borges. É o

²⁵ *Obras completas*, p. 1059.

²⁶ *Obras completas*, p. 521.

²⁷ *Obras completas*, p. 556.

²⁸ Em outra ocasião, eu mencionei o fato das coincidências entre certos aspectos da literatura gaúcha e certos momentos da literatura de Borges. Ver meu “The Mark of the Knife” (existe versão em português, “A marca da faca”). Nesse momento eu conhecia muito pouco a literatura do Rio Grande do Sul; o artigo está baseado nos estudos críticos de Ligia Chiappini.

lugar de contato entre dois seres muito semelhantes e muito diferentes (o gaúcho e o uruguaio), entre duas línguas também muito semelhantes e muito diferentes (o espanhol e o português). Desse contato, para Borges como para Coni e Rossi, nasce o *gaucho* e o gaúcho. A cultura gauchesca na Argentina e no Uruguai vai ser parte importante da cultura nacional, em oposição à cultura moderna e cosmopolita das grandes cidades e, dessa cultura, vem a poesia gauchesca, interessante para Borges como obra de poetas letrados, urbanos, que inventam um passado, que imaginam a nação. Do outro lado da fronteira, como se fosse do lado escuro da lua, ocorre o mesmo fenômeno: dos movimentos tradicionalistas gaúchos Borges não parece ter sabido nada, mas seguramente teria gostado da idéia da invenção do passado²⁹, de enormes *Festspiele* onde, para usar as palavras de Borges de “Tema del traidor y del héroe,” trabalham “miles de actores y que reiteran episodios históricos en las mismas ciudades y montañas donde ocurrieron”³⁰.

Referências bibliográficas

- BALDERSTON, Daniel. *Out of context*. Historical reference and the representation of reality in Borges. Durham: Duke University Press, 1993.
- BARRÁN, José Pedro, NAHUN, Benjamin. *Historia social de las revoluciones de 1897 a 1904*. Historia rural del Uruguay moderno. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1974. t. 4.
- BORGES, Jorge Luis. *Inquisiciones*. Buenos Aires: Seix Barral, 1993.
- BORGES, Jorge Luis. *El libro de arena*. Buenos Aires: Emecé, 1975.
- BORGES, Jorge Luis. *Obras completas*. Buenos Aires: Emecé, 1974.
- BORGES, Jorge Luis. *Obras completas en colaboración*. Buenos Aires: Emecé, 1979.
- BORGES, Jorge Luis, CASARES, Adolfo Bioy. *Poesía gauchesca*. México: Fondo de Cultura Económica, 1955. 2v.
- CHASTEEN, John Charles. *Heroes on horseback: a life and times of the last gaucho caudillo*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1995.
- RODRÍGUEZ MONEGAL, Emir. *Jorge Luis Borges: Ficcionario: una antología de sus textos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.
- ROSSI, Vicente. *Martín Fierro, su autor y su anotador*. Dónde se escribió Martín Fierro? *Folletos Lenguaraces*, n. 27, 1942.

²⁹ Eu me refiro à teoria do antropólogo Ruben Oliven (*Tradition matters*, p. 58-65).

³⁰ *Obras completas*, p. 497.